

O SETOR DE PAPEL E CELULOSE NO BRASIL E NO MUNDO

1 - CENÁRIO INTERNACIONAL

Produção e Consumo Mundiais de Papel

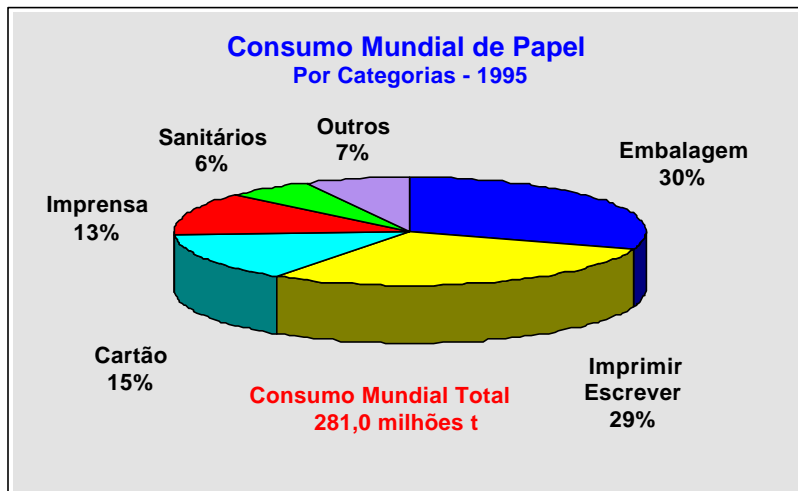
A produção e o consumo mundiais de papel vêm crescendo há mais de quinze anos. A taxa média verificada na década de 80, para o crescimento da demanda mundial, foi de 3,6% a.a. e de 3,3% a.a. para o período 1990/95. As perspectivas para o horizonte 1995/2005 são de taxas anuais médias ao redor de 3,3%.

CONSUMO MUNDIAL DE PAPEL

PERÍODO	1980	1990	VARIACÃO		1995	VARIACÃO		2005	VARIACÃO
			% a.a.	90/80		% a.a.	95/90		
CONSUMO MUNDIAL	168	239	3,6		281	3,3		390	3,3

Fonte: PPI e RISI

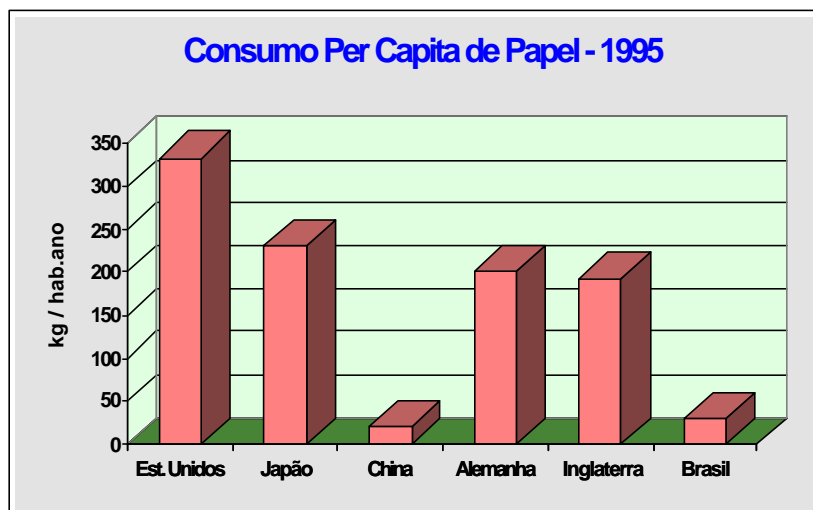
Entre todas as categorias de papel, o tipo imprimir e escrever é o que vem apresentando as maiores taxas de crescimento devido ao uso cada vez mais intensivo de propaganda (mala direta), além das tecnologias desenvolvidas para escritórios (fax, copiadoras, impressoras, computadores pessoais, etc.) e o barateamento da impressão, permitindo uma maior diversidade de títulos de revistas e periódicos.



Os maiores produtores e também consumidores de papel são os países desenvolvidos: EUA, Japão e Canadá respondem por cerca de 47% da produção mundial e EUA, Japão e Alemanha consomem 50% de todo o papel produzido.

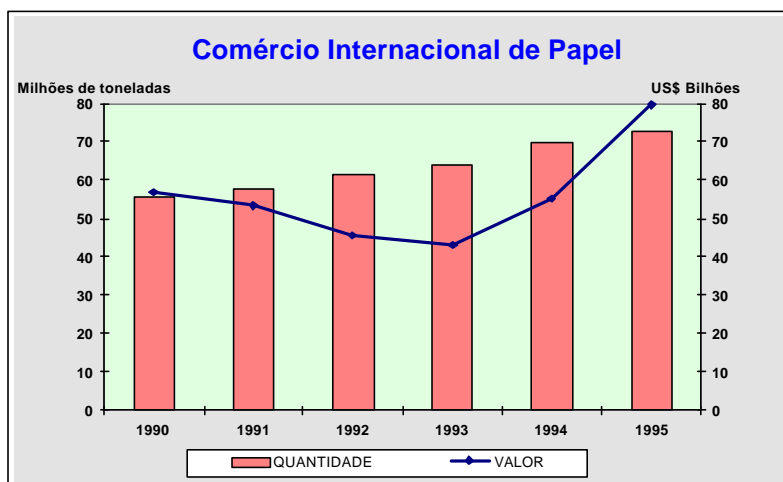
O Brasil ocupa o 11^a lugar entre os países produtores e o 12^a entre os consumidores de papel. No entanto, em relação ao consumo *per capita*, o nível brasileiro de 34 kg/habitante, é muito baixo quando comparado aos trinta maiores cujos números variam entre os limites de 332 kg (EUA) e 97 kg (Grécia). Entre os componentes do Mercosul, o Brasil fica em desvantagem em relação à Argentina, cujo consumo *per capita* em 1994 foi de 45kg. O Uruguai apresenta consumo de 22 kg, o Paraguai de 8 kg/hab. e, no Chile, o patamar é de 42 kg.

Destaque também deve ser dado para a China, que já se apresenta como o terceiro maior produtor e consumidor de papel, atrás apenas de Estados Unidos e Japão. Ressalte-se que o consumo *per capita* de papel na China alcançou, em 1994, o nível de 20 kg, patamar bastante inferior aos dos Estados Unidos e Japão (230 kg).



Comércio Internacional de Papel

O comércio de papel, em 1995, movimentou cerca de 72 milhões de toneladas, correspondendo a US\$ 80 bilhões e a 26% da produção mundial. O fluxo mais intenso de comércio é apresentado pelos segmentos embalagem, imprimir e escrever e papel de imprensa.



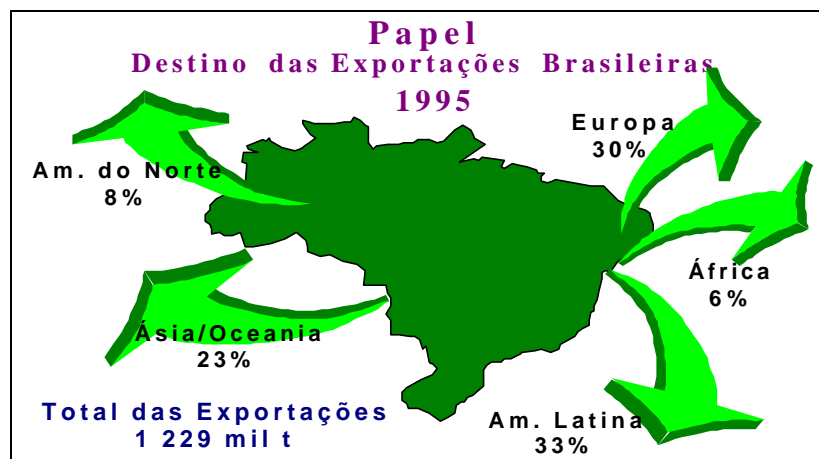
A importação de papel é concentrada (cerca de 50%) em seis países: EUA, Alemanha, Inglaterra, França, China e Itália. Os Estados Unidos apresentam um fluxo intenso com o Canadá no comércio de papel de imprensa. Os países europeus são grandes importadores de papéis para imprimir e escrever e embalagens.

Os principais países exportadores de papel são Canadá, Finlândia, Suécia e EUA, atuando o primeiro fortemente em papel de imprensa, a Finlândia no tipo imprimir e escrever e os EUA concentrados em papéis para embalagem. A exportação da Suécia é a mais equilibrada entre os principais tipos de papel.

As exportações brasileiras de papel alcançaram 1.229 mil t em 1995 (1,7% das exportações mundiais) e concentram-se nos tipos imprimir/escrever não revestidos e embalagem (*kraftliner*). Até meados da década de 80, o mercado externo era usado pelos produtores de papel para colocação do volume não absorvido no País. A partir do agravamento da recessão interna e da boa receptividade do papel brasileiro no exterior, a postura dos produtores nacionais foi se modificando e, atualmente, as exportações de papel assumem vital importância na ocupação da capacidade produtiva. O Brasil já se situa como um dos três maiores fornecedores mundiais de papel para imprimir e escrever não revestido, à base de celulose, tendo exportado, em 1995, 720 mil toneladas, o que significou 40% da produção nacional deste tipo de papel.

A Europa, até 1991, era o principal mercado para os produtores de papel brasileiros. Hoje, pode-se considerar as exportações distribuídas igualmente por três blocos: América Latina, Europa e Ásia/África/EUA.

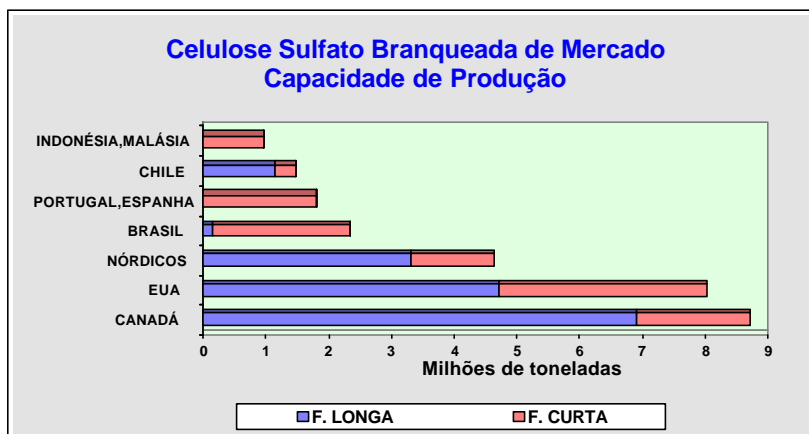
O crescimento das exportações para o Mercosul tem sido expressivo, assim como para os EUA que, no período out/88-jul/90, estava fechado para o Brasil como retaliação comercial devido ao impasse ocorrido na questão do reconhecimento de patentes.



Produção, Consumo e Comércio Mundiais de Celulose de Mercado

A produção de celulose de mercado alcançou cerca de 30 milhões de toneladas em 1995, sendo de 55% e 45%, respectivamente, a distribuição entre as fibras longas e curtas. Durante a década de 80, a celulose de fibra longa mostrou-se preponderante sendo até hoje a referência para o estabelecimento dos preços dos demais tipos (em 1980 a produção de fibra longa correspondia a 63% do total produzido).

O expressivo aumento da participação da celulose de fibra curta de eucalipto, introduzida no mercado a partir do final da década de 70 pelos países então chamados de não tradicionais produtores (Brasil, Portugal e Espanha), reverteu esse quadro, deslocando a fibra longa em sua trajetória de crescimento. Recentemente, o ingresso de países asiáticos neste mercado, em particular da Indonésia, tem contribuído para elevar ainda mais a oferta de fibra curta.



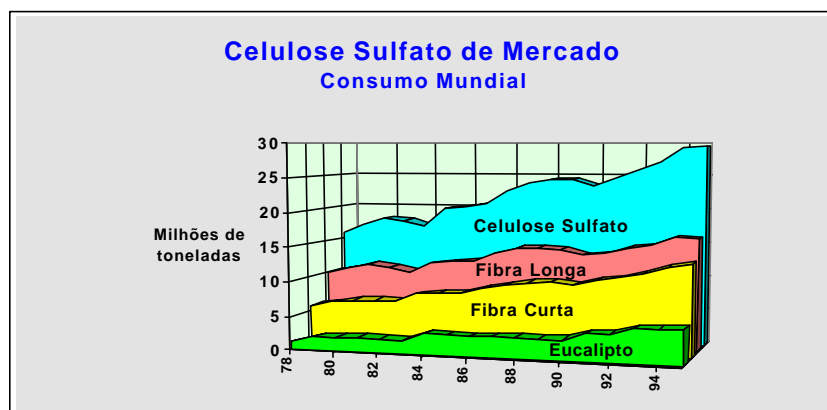
O consumo mundial de celulose sulfato branqueada de mercado apresentou taxas de crescimento de 2,6% a.a. no período 1980/90 e de 6,0% a.a. entre 1990 e 1995. Contudo, essa elevada taxa dos últimos anos foi devida a um consumo atipicamente baixo em 1990; se o horizonte for ampliado para 1988/95, a taxa encontrada é de 3,5% a.a. Para o período 1995/99, estima-se que a taxa média anual de crescimento fique ao redor de 2,6%; para a fibra de eucalipto espera-se crescimento superior, com taxa de 4,8% a.a.

CONSUMO MUNDIAL CELULOSE SULFATO BRANQUEADA DE MERCADO

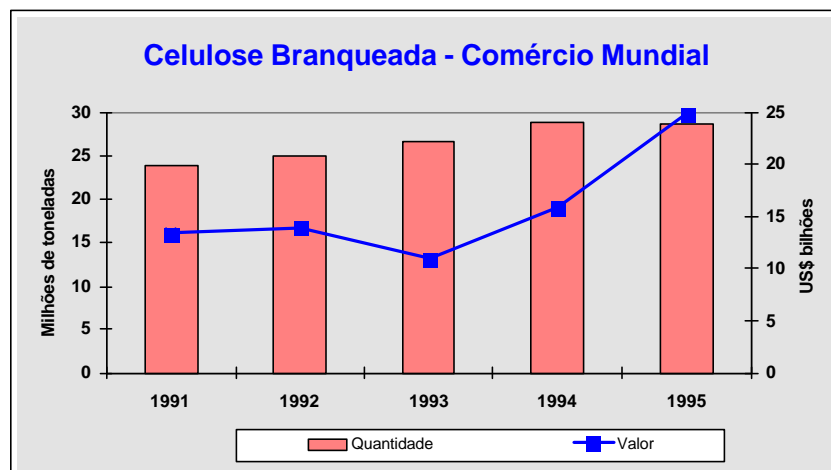
TIPO DE CELULOSE	1980	1990	% a.a. 90/80	1995	% a.a. 95/90	milhões t	
						1999	% a.a. 99/95
FIBRA LONGA	10,1	12,7	2,3	15,7	4,3	16,5	1,3
FIBRA CURTA	6,4	8,7	3,1	12,9	8,2	15,2	4,2
• Eucalipto	2,2	3,3	4,1	4,7	7,3	5,6	4,8
• Outras	4,2	5,4	2,5	8,2	8,7	9,6	4,0
TOTAL	16,5	21,4	2,6	28,6	6,0	31,7	2,6

Fonte: Hawkins Wright

Os principais países consumidores são EUA, Alemanha, Japão, França e Itália que, juntos, respondem por mais de 50% da demanda de celulose sulfato branqueada. Deve-se destacar o bom crescimento da fibra de eucalipto nesses mercados.



A exportação de celulose sulfato branqueada é liderada pelo Canadá, seguido dos EUA, Suécia, Brasil, Finlândia e Chile. Para o tipo fibra curta, o Brasil é o 2^a maior exportador e o primeiro no caso do eucalipto, detendo 45% das vendas desta fibra. O comércio mundial de celulose atingiu cerca de 28 milhões de toneladas em 1995, movimentando US\$ 25 bilhões, resultado do aumento de preços ocorrido a partir de 1994.



Competição na Indústria de Celulose

A competição nesta indústria se dá por preço e qualidade. As escalas de produção das novas plantas são cada vez maiores proporcionando menores custos unitários mas exigindo vultosos investimentos que, associados à disponibilidade de matéria-prima florestal, constituem-se nas principais barreiras à entrada. A diferenciação de produto torna-se cada vez mais relevante, revertendo o tradicional tratamento de *commodity*.

A pressão ambientalista tem levado as empresas a investir no desenvolvimento e implantação de novas tecnologias de processo, com destaque para a área de branqueamento, além de pesados gastos com controle ambiental. A tendência que se verifica atualmente é no sentido do “efluente zero”, ou seja, sistema fechado de produção.

O custo da madeira tem-se elevado ultimamente, movido por dois fatores: pressões ambientalistas para não se cortar florestas e escassez de recursos florestais de boa qualidade.

A indústria também vem sentindo a pressão de se substituir fibras virgens por material reciclado. A legislação dos países desenvolvidos, principalmente da União Européia, tem obrigado ao uso de percentagens crescentes de reciclados na composição dos papéis. Por trás dessas pressões, há o interesse em diminuir a quantidade de lixo produzida pelas grandes cidades. O percentual de reciclagem tem-se elevado nos últimos anos. No Brasil, estima-se que 40% do papel seja reciclado. Entretanto, este percentual, na realidade, deve ser significativamente maior, mas a falta de estatísticas impede seu correto dimensionamento.

As empresas brasileiras de celulose de mercado têm respondido rapidamente às exigências de seus consumidores, adaptando seus processos produtivos às novas normas e credenciando-se à obtenção do certificado ISO-9000 (todas as produtoras têm o certificado). Tem-se verificado, também, a implantação de rígidos programas de redução de custos e modernização administrativa objetivando estruturas mais leves e capazes de responder às demandas de uma competição globalizada.

Reestruturação da Indústria de Papel e Celulose

A produção mundial e o comércio internacional são concentrados em grandes grupos/empresas que atuam nos diversos segmentos do mercado de papel e celulose em diferentes países, além da participação no mercado de produtos de madeira utilizados, principalmente, na construção civil.

Nos anos recentes, foi constante a concentração produtiva e a reestruturação patrimonial. Boa parte envolveu a penetração de empresas americanas e canadenses na Europa e a formação de grandes empresas de capital americano e europeu. Também observa-se um movimento de reestruturação através de fusões entre indústrias de papel japonesas. Como resultado desse movimento, a participação das 150 maiores empresas do setor na produção mundial passou de 56%, em 1985, para 65% em 1994.

No Brasil também ocorreu esse movimento: em 1992, o Grupo Votorantim adquiriu o controle das Indústrias de Papel Simão e a multinacional americana Manville comprou a Papelok, formando uma nova empresa chamada Igaras. Em 1993, o Grupo Klabin associou-se ao grupo austríaco Lenzing para a reativação da fábrica da antiga CCB - Cia. Celulose da Bahia. Em 1994, a K-C do Brasil (fábrica de papéis sanitários da multinacional Kimberly-Clark) foi comprada pela Cia. Melhoramentos. Em 1995 e 1996, ocorreram aquisições de pequenas empresas do setor por parte dos grandes grupos de papel como, por exemplo, a compra da Alcântara pelo Grupo Klabin e de uma das fábricas de papel da Iguazu pelo grupo norte-americano Sonoco. Observa-se um interesse crescente das empresas multinacionais do setor em investir no Brasil, onde a produção está concentrada em firmas de capital nacional.

Os maiores grupos nacionais, entretanto, ainda são muito pequenos quando comparados aos seus concorrentes no exterior. Em 1994, o maior grupo nacional (Grupo Klabin) foi o 52º colocado no ranking mundial e, entre os 150 maiores grupos do Setor, aparecem apenas quatro brasileiros: Klabin, Votorantim, Aracruz e Suzano.

Papel e Celulose		
Maiores Empresas - 1994		
(por faturamento)		
	US\$ bi	Milhões t
1. INTERNATIONAL PAPER	15,0	11,8
2. NIPPON PAPER	9,7	5,0
3. NEW OJI	7,6	3,5
.....		
52. KLABIN	1,0	1,5
64. VOTORANTIM	0,8	0,5
.....		
70. ARACRUZ	0,6	1,1
79. SUZANO	0,5	0,5

A competição mundial, crescentemente acirrada pela busca de ampliação dos mercados, reforça a concorrência por preço e qualidade na produção, além de exigir um permanente monitoramento dos consumidores que vêm se apresentando cada vez mais exigentes em relação aos produtos e processos produtivos. Os contratos internacionais passam a requerer certificados de garantia de qualidade segundo as normas da ISO - International Standard Organization (série ISO-9000). Nos últimos anos, acelerou-se o processo de diferenciação de produtos e de criação de novos produtos, ocorreram algumas inovações

na tecnologia de processo e o uso intensivo de sistemas computadorizados para controle de toda a produção. Os ganhos de produtividade têm sido expressivos, bem como os gastos com P&D.

O aumento da pressão quanto à qualidade ambiental é crescente e tem elevado os custos das empresas. Essa pressão é exercida em três vetores: pelo lado da exigência de produtos que não agridam o meio ambiente, pelo uso de tecnologias limpas e no deslocamento de matéria-prima de origem florestal por papel reciclado.

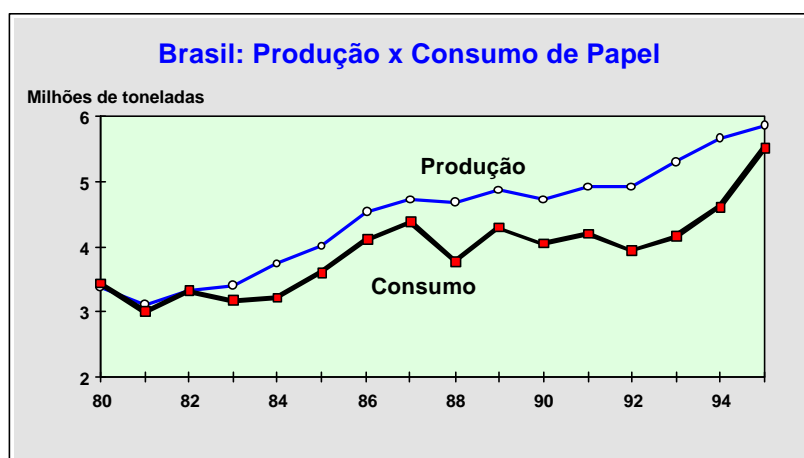
A União Européia lidera o movimento de migração da variável ambiental dos campos da saúde, do bem-estar social e da preservação dos recursos naturais para o campo das variáveis de comércio. Entre os exemplos mais expressivos pode-se citar a criação de um subcomitê específico sobre comércio e meio ambiente.

No âmbito da legislação ambiental voltada para o consumidor final, já existem cerca de dez tipos diferentes de rótulos ecológicos. Observam-se dois movimentos filosoficamente antagônicos: por um lado, a transparência dos processos e produtos oferecidos ao consumidor e, por outro, movimentos protecionistas de mercados cativos. O selo verde europeu e a *eco-tax* belga, por exemplo, privilegiam a reciclagem e as tecnologias industriais ambientalmente adequadas. São conseqüentemente motivo de preocupação para os produtores brasileiros, que têm na fibra virgem sua principal matéria-prima.

2 - O SETOR DE PAPEL E CELULOSE NO BRASIL

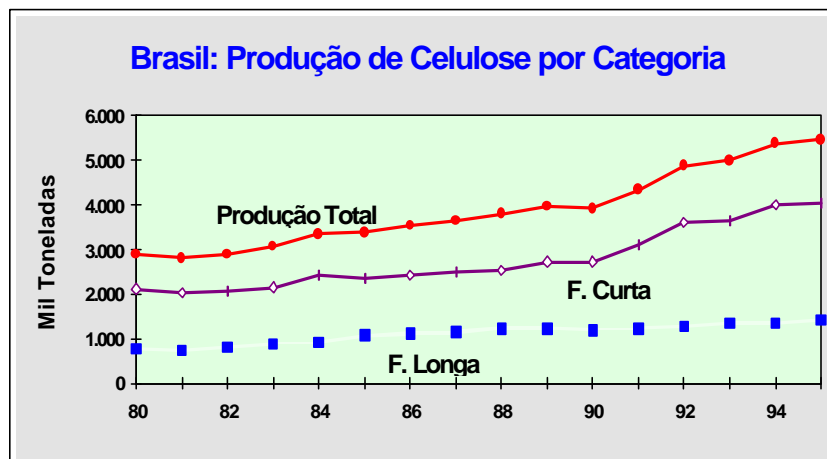
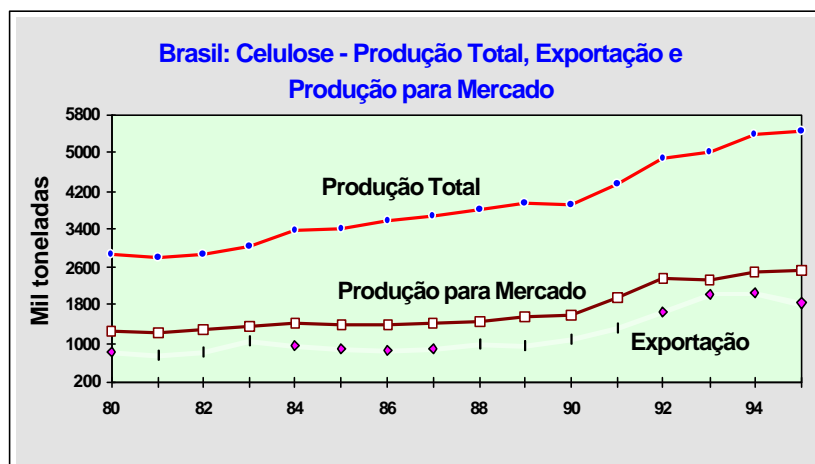
Produção, Consumo e Principais Produtores Nacionais

A indústria brasileira de papel e celulose apresentou um significativo desempenho no período 1980/95, fundamentado basicamente no comércio internacional, uma vez que o consumo aparente do país foi incapaz de absorver todo o crescimento verificado na produção, que elevou-se de 3,36 milhões de toneladas de papel e 2,87 milhões t de celulose, em 1980, para, respectivamente, 5,85 milhões e 5,44 milhões de toneladas, em 1995.



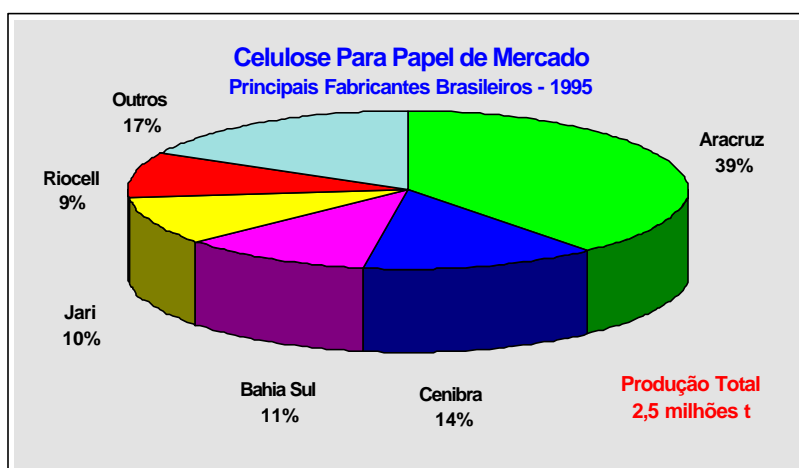
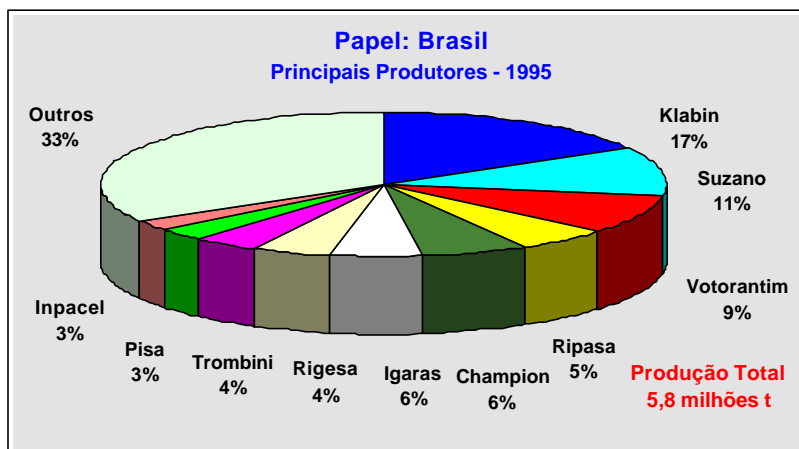
Merece destaque o expressivo crescimento do consumo de papel no mercado interno nos últimos três anos: entre 1993 e 1995, o aumento do consumo foi de 30%, contra 10% de elevação do volume produzido, ocasionando queda das exportações e subida das importações.

A produção brasileira de celulose fibra curta é a que apresentou maior crescimento, sendo o tipo preponderantemente exportado pelo Brasil. O destino da fibra longa é o uso cativo na fabricação de papéis para embalagem, principalmente.



Em 31.12.95, o setor possuía 1,5 milhão de hectares de reflorestamentos próprios, sendo 61% de eucalipto e 37% de Pinus. Durante o ano de 1995 foram implantados e/ou reformados 98 mil ha de reflorestamentos.

O número total de empresas de papel e celulose no Brasil, no final de 1995, era de 235, com a produção de papel concentrada (65%) em grupo reduzido (26 empresas). Apenas cinco grandes empresas respondem por toda a produção brasileira de celulose de mercado.

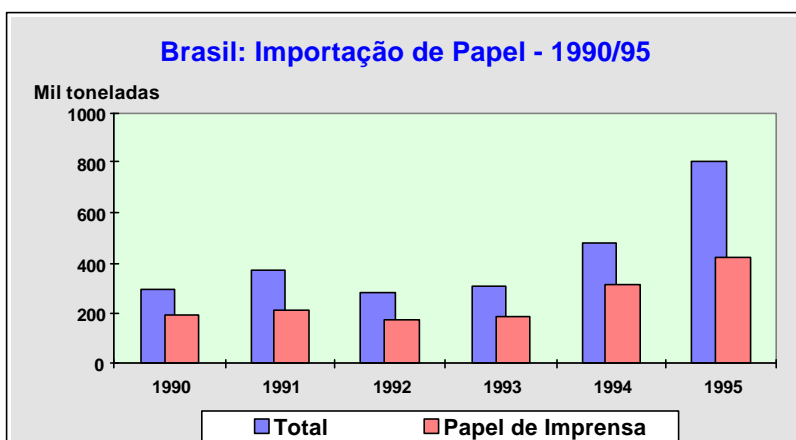
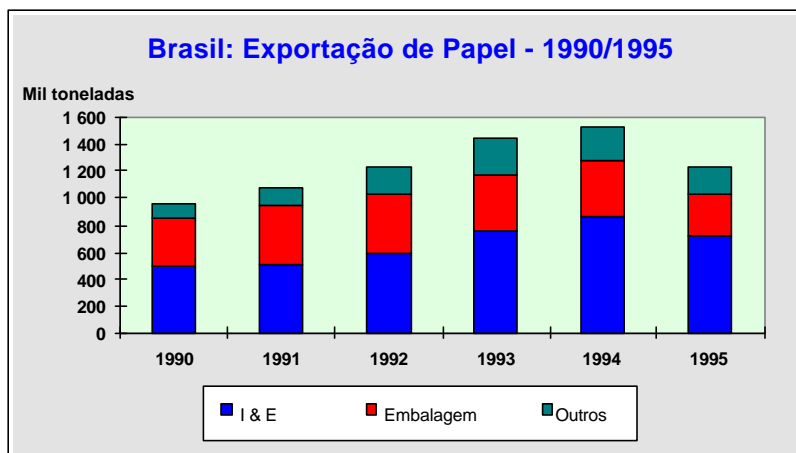


Todas as maiores empresas são verticalizadas desde a base florestal, apresentando-se com bom grau de modernidade industrial, sendo os grupos produtores nacionais altamente especializados em determinada fibra, com exceção apenas do Grupo Klabin, que atua em todos os principais segmentos de papel e em celulose de mercado, a exemplo do que ocorre com os grandes grupos mundiais.

Comércio Externo Brasileiro

A balança comercial do setor vem registrando saldos positivos crescentes, tendo contribuído, em 1995, com cerca de 6% das exportações totais do Brasil: entre papel e celulose, o valor exportado somou US\$ 2,7 bilhões, com importações de US\$ 1,1 bilhão.

As importações brasileiras de papel são, basicamente, dos tipos imprensa (principalmente do Canadá) e imprimir/escrever revestidos (Finlândia). Em 1995, situaram-se na ordem de 805 mil toneladas, sendo 68% superior às importações de 1994.



As importações de celulose, oriundas em sua maior parte do Chile, Estados Unidos e Canadá, concentram-se no tipo fibra longa branqueada, registrando um volume de 164 mil toneladas em 1995.

O destino das exportações brasileiras de pastas tem apresentado o seguinte comportamento:

DESTINO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE PASTAS - 1990/95

CONTINENTE	1990	1991	1992	1993	1994	1995	% em peso
EUROPA	40	39	43	37	38	39	
AMÉRICA DO NORTE	32	32	28	24	27	30	
ÁSIA/OCEANIA	25	25	25	36	32	28	
AMÉRICA LATINA	3	3	3	4	3	3	
ÁFRICA	-	-	-	-	-	-	
Quantidade Exportada (mil t)	1.040	1.384	1.642	2.422	2.074	1.984	

Fonte: ANFPC

A Competitividade da Indústria Brasileira de Papel e Celulose

As condições necessárias à competitividade de qualquer empresa do setor são: equipamentos atualizados, economias de escala, acesso a capitais de longo prazo, produtos/processos compatíveis com os padrões estabelecidos de qualidade e de proteção ambiental e capacitação gerencial e produtiva para condução das cada vez mais complexas engenharias financeiras e comerciais. A capacidade de criar produtos diferenciados aliada a relações comerciais estáveis baseadas em qualidade e assistência técnica são hoje a chave para o sucesso na competição deste setor.

A principal vantagem competitiva do Brasil é a sua tecnologia florestal, onde, após 25 anos, o desenvolvimento genético alcançado para o eucalipto permite o corte para industrialização em 7 anos, com alta produtividade. As florestas boreais tem um ciclo de 30 anos, sendo que usualmente corta-se mata nativa. Essa vantagem, entretanto, num médio prazo, é ameaçada por outros países de climas tropical e subtropical, especialmente os asiáticos.

Nos anos recentes temos assistido a uma forte preocupação dos Estados em garantir condições adequadas para enfrentamento dos novos desafios impostos por uma competição globalizada. Já não é suficiente apenas um diferencial de custos de produção. As políticas e medidas de proteção e de incentivo têm sido usadas habilmente pelos principais países concorrentes do Brasil neste setor. Por exemplo, a desvalorização cambial, adotada por alguns países europeus, tornou os custos de produção da celulose de fibra longa dos nórdicos comparáveis aos da fibra brasileira. A esse conjunto de incentivos e auxílios diretos e indiretos dos governos, deve-se acrescentar as condições macroeconômicas mais favoráveis, a existência de infra-estrutura física e de ciência e tecnologia em boas condições, a qualidade do sistema educacional e a proximidade dos mercados consumidores.

As empresas brasileiras do setor ressentem-se da inexistência de políticas incentivadoras de exportação, bem como de instrumentos financeiros para apoio à comercialização de seus produtos. A carga tributária é queixa antiga das empresas. Os impostos incidentes sobre investimentos produtivos e sobre a atividade operacional constituem-se em fatores que levam à perda de competitividade.

Outras questões também relevantes são o elevado custo de capital no Brasil e a excessiva carga tributária, além da burocracia demasiada. Quanto às exportações de celulose, a incidência de 13% de ICMS, hoje suspensa, é uma séria ameaça à competitividade das empresas brasileiras.

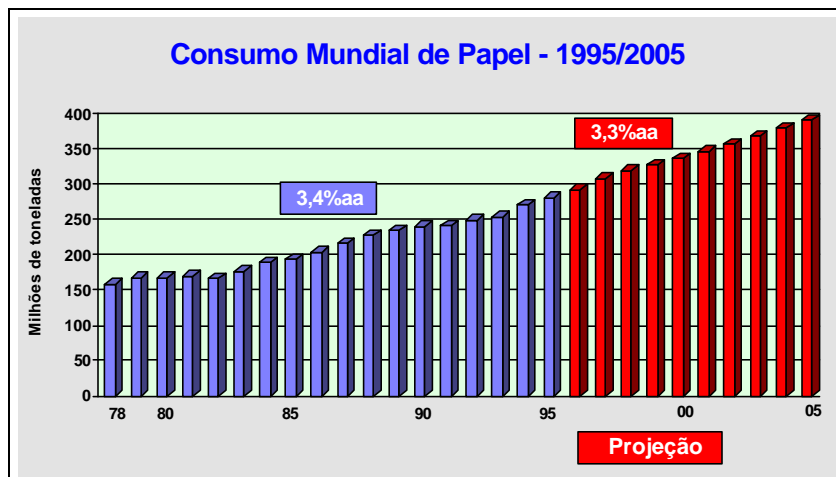
Fator fundamental, que se constitui em um obstáculo competitivo das empresas brasileiras, é a situação do ensino e da educação no País. As empresas são obrigadas a arcar com gastos adicionais objetivando proporcionar educação básica e especializada para seus trabalhadores.

Outra questão importante a se considerar num processo de reestruturação interna, diz respeito ao destino futuro das máquinas de menor porte que poderiam atender a necessidades regionais ou atuar em alguns segmentos específicos de mercado. Também a vulnerabilidade causada por uma especialização excessiva das empresas brasileiras ficou bem clara nos anos de crise. Atualmente, algumas empresas iniciaram estudos sobre o uso múltiplo de suas florestas, visando a produção de painéis de madeira e outros produtos voltados para a indústria moveleira e para o setor de construção civil.

3 - PERSPECTIVAS PARA O SETOR

Contexto Mundial

As estimativas de crescimento para a demanda mundial de papel, nos próximos dez anos, indicam taxas de 2,3% a.a. para os países desenvolvidos e de 5,8% a.a. para os em desenvolvimento, com taxa anual média de 3,3% para o consumo global, que deverá atingir 390 milhões de toneladas em 2005.



Entre as principais categorias de papel, espera-se para os de imprimir e escrever as maiores taxas de crescimento.

As projeções de oferta, considerando-se todos os projetos anunciados, ainda que intenções de investimentos, aponta para déficits em todas as categorias de papel, com destaque para os de imprimir e escrever.

**Consumo Mundial de Papel
Perspectivas 1995 / 2005**
milhões de toneladas

	1995	2005	% a.a.
Consumo Total	281	390	3,3
I & E	86	125	3,8
Imprensa	35	45	2,5
Sanitários	17	24	3,5
Outros	143	196	3,2

**Oferta Mundial de Papel
Perspectivas 1995 / 2005**
milhões de toneladas

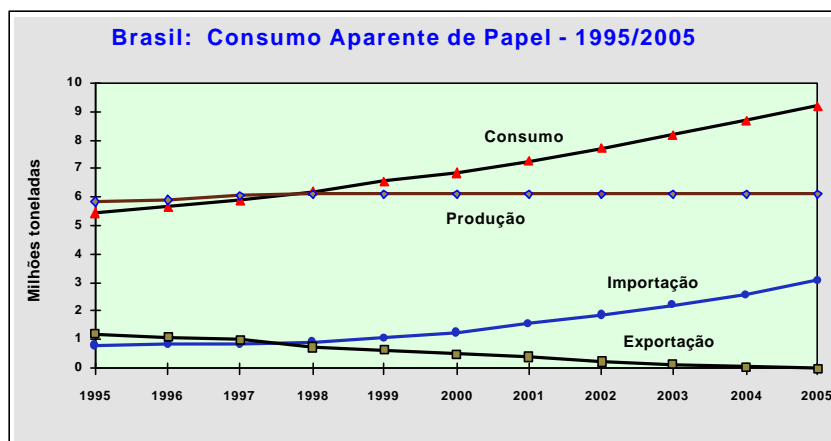
	1995	2005	Déficit
Oferta Total	281	320	70
I & E	86	98	27
Imprensa	35	42	3
Sanitários	17	19	5
Outros	143	161	35

Em termos de fibras, a tendência de aproveitar-se cada vez mais o papel usado, provocará taxas de crescimento bastante diferenciadas entre as fibras virgem e recicladas: 2,7 contra 4,7% a.a. no período 1995/2005. Também aqui espera-se a ocorrência de déficits de oferta.

Consumo Mundial de Celulose e Pastas Perspectivas 1995 / 2005				Oferta Mundial de Celulose e Pastas Perspectivas 1995 / 2005			
milhões de toneladas				milhões de toneladas			
	1995	2005	% anual de crescimento		1995	2005	Déficit
Celulose e Pastas	179	234	2,7	Celulose e Pastas	179	200	34
Pasta Reciclada	74	117	4,7	Pasta Reciclada	74	80	37

Contexto Nacional

A continuidade da estabilidade econômica do Brasil permitirá um crescimento sustentado do consumo de papel e de celulose nos próximos anos. Admitindo-se, sobre a demanda de papel de 1995, taxas de aumento de 4% em 1996, 5% a.a. entre 1996 e 2000 e 6% a.a. de 2000 a 2005, o cenário vislumbrado é de inversão da balança comercial do setor já a partir de 1998.



A demanda de papel estimada para o ano 2005, conforme as premissas descritas, alcança 9,2 milhões de toneladas. Para que a indústria nacional possa abastecer o mercado interno e, no mínimo, manter seu atual patamar de exportações, há necessidade urgente de investimentos, principalmente tendo em vista o prazo médio de três anos para a instalação de novas máquinas de papel.

Estudos realizados pelo BNDES apontam para necessidade de acréscimo de 4,3 milhões de toneladas de papel e de 3,6 milhões de toneladas de fibras, no horizonte 1996/2005.

Brasil: Produção de Pastas e Celulose Investimentos Necessários - 1996/2005		Brasil: Produção de Papel Investimentos Necessários - 1996/2005	
	mil t/ano		mil t/ano
Tipo de Fibra	Produção	Categoria	Produção
Celulose Fibra Longa	1.600	Imprimir / Escrever	1.008
Celulose Fibra Curta	454	Imprensa	532
Pasta Reciclada	1.133	Embalagem	1.925
Pasta TMP/CTMP	484	Cartão	405
		Sanitários	217
		Especiais	243

Os investimentos associados a tal aumento de capacidade chegam a US\$ 10,4 bilhões, distribuídos entre indústria, compra de terras para reflorestamento e formação de florestas. Cabe ressaltar que maiores detalhes do referido estudo poderão ser encontrados na Revista BNDES SETORIAL de setembro/96.

Brasil: Papel e Celulose Investimentos Necessários - 1996/2005	
Resumo	
Reflorestamentos/Compra de Terras	US\$ 930 milhões
Produção de Pastas e Celulose	US\$ 4,7 bilhões
Produção de Papel	US\$ 4,8 bilhões
Total	US\$ 10,4 bilhões

4 - CONCLUSÃO

O cenário do mercado mundial é de acirrada competição por novos investimentos e, conseqüentemente, novos empregos. Os capitais buscam localizações onde o custo final do produto seja minimizado por acentuadas vantagens competitivas, permitindo uma comercialização globalizada. O Brasil, por sua localização geográfica, dimensão territorial e capacitação técnica e mercadológica, apresenta-se bastante atrativo para investimentos em papel, celulose e outros produtos florestais. Entretanto, na última década, a insegurança quanto à estabilidade econômica e política do país afastou potenciais investidores que dirigiram seus recursos para países como Chile e Indonésia.

Em face da intensidade de capital requerida por este setor e do longo prazo de maturação dos investimentos, a atração de capitais, sejam nacionais ou externos, somente dar-se-á num cenário de políticas estáveis.

Nesse contexto, as lideranças da indústria brasileira de papel e celulose apresentaram ao Governo Federal uma série de reivindicações objetivando, em síntese, a redução do custo dos novos projetos e o reforço da posição brasileira na disputa por capitais para os novos investimentos. Foi constituído um grupo de trabalho interministerial para avaliar as questões apresentadas e propor as medidas julgadas adequadas a nível governamental. O relatório do referido grupo, concluído em julho, deverá ser apreciado em breve pela Câmara de Recursos Naturais.

